

Apresentação

Rosangella Leote

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LEOTE, R. Apresentação. In: *ArteCiênciaArte* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 17-22. ISBN 978-85-68334-65-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APRESENTAÇÃO

Este livro é uma coletânea de textos que venho desenvolvendo em torno de dois focos de atenção complementares. O primeiro é relativo ao uso das neurociências e dos sistemas complexos para o entendimento da percepção que é localizável em espaços artísticos interativos e multimodais; e o segundo refere-se ao lugar do corpo no contexto do desenvolvimento e fruição de obras com tecnologias emergentes. A maioria deles já foi publicada em anais de congressos. A coletânea partiu da necessidade de agrupar o que considero os principais resultados da minha pesquisa até o momento. A maioria dos textos sofreu pequenas atualizações e revisões para essa publicação, mas manteve o emprego do pronome em primeira pessoa do singular, ou do plural, conforme o caso.

Essa investigação já leva alguns anos de trabalho, mas começou a enfatizar o estudo do campo nas mídias emergentes, aproximadamente em 2001. Desde então, o meu olhar se desviava da experiência de performance e do vídeo, apesar de continuar a realizá-los, para os problemas da percepção neste contexto mediado. O “ passeio” pela Semiótica – pois, não tenho autoridade para me apresentar como semioticista – trouxe tranquilidade sobre uma forma mais lógica de aceitar e interpretar os objetos do mundo.

Paralelamente, um interesse que sempre me acompanhou, em Física e Biologia, chamou meu aprofundamento. Não demorou para que essas ciências começassem a preponderar sobre as teorias da arte que eu conhecia, e que não me davam respostas completas. Nesse caso, o Grupo SCIArts – Equipe Interdisciplinar,¹ do qual fui uma das criadoras em 1995 e no qual produzo até hoje, passados 19 anos, propiciou discussões que influenciaram, em muito, o meu modo de ver as Artes. Ali, também, notei que a experiência interativa, que eu tinha no trabalho performático, se diferia, em muitos aspectos, na relação que o interator tem com a obra processual, de

1 O SCIArts iniciou a discussão em parceria em 1995 e fez a primeira instalação em 1996. No início eramos quatro: Fernando Fogliano, Milton Sogabe, Renato Hildebrand e Rosangella Leote. Hoje, agregamos ao grupo Julia Blumenschein. Sempre esteve conosco o engenheiro eletrônico Luis Galhardo e, em grande parte das obras, o projetista mecânico Iran do Espírito Santo. Todavia, muitos artistas, cientistas e técnicos trabalharam conosco, conforme a especificidade da obra que estivéssemos desenvolvendo. Somos um grupo unido e integrado – amigos. Muitas vezes pelas contrariedades e fricção entre posições é que os trabalhos se formatam. As opiniões e bases teóricas são diferentes multidisciplinares. Isso enriquece a identidade do SCIArts. O processo de realização da obra se dá coletivamente, desde o *insight* (em geral, *brainstorming*, em reuniões, ao redor da mesa cheia de comida), até a montagem e manutenção dos trabalhos. Isto é o que nos diferenciou, da maioria dos grupos de produção em artes, ditas visuais, nos anos em que começamos o nosso trabalho. O comum, em nossa área, era um artista criar uma obra que era desenvolvida em equipe montada posteriormente, ou que era encomendada para engenheiros de diversas especialidades. Desde então, desenvolvemos tecnologias próprias que, posteriormente, surgiram, apareceram acessíveis e barateadas, pelo código aberto, no modelo compacto de uma Arduíno, por exemplo nosso controle de instalações. Atualmente aderimos a este microcontrolador, pois nossa placa de controle, que deu o nome ao grupo (Sistema de Controle de Instalações de Arte – SCIART – desenvolvida por Fernando Fogliano e Luis Galhardo, para uma obra de Milton Sogabe, onde acrescentamos um “S” para nomear a equipe) e que fazia exatamente o que um microcontrolador faz, apesar, de ser eletrônica com programa gerenciado num computador Windows 286, não funciona mais com os sistemas operacionais mais recentes. As obras do SCIArts têm uma natureza própria, que se difere das produções e percursos de pesquisa que desenvolvemos individualmente. Porém, é inegável que todos compartilhamos um eixo de interesses comuns no qual contaminamos uns aos outros.

que tratavam nossas instalações multimídia interativas. Muitas vezes minhas discordâncias com o resto do grupo também fizeram abrir janelas de interesse para meus projetos, em paralelo.

Outro lugar fértil de discussão esteve no exercício da docência na universidade, que sempre me impulsionou para curiosidades e incômodos pelas respostas incompletas que eu ia localizando – mesmo que eu soubesse que as respostas completas não existiam. Debate em classe é uma zona de transdução de conhecimento que enriquece a todos.

Ambos os campos de trabalho continuam exercendo suas influências, cada vez mais fortes, sobre meu pensamento e estas se tornam temas de trabalho dentro do grupo de pesquisa GIIP.

Aos poucos, aquelas ciências – a Física e a Biologia – foram tornando-se significativas, em conjunto, para meu trabalho de entendimento do modo pelo qual as pessoas experienciavam uma obra imersível, para além do subjetivo.

Assim, o interesse pela Neurociência se seguiu ao das Teorias da Complexidade, também utilizados pela Biologia, primeiramente os estudos do cérebro, no aspecto biológico, me pareceram muito distantes do que eu queria tratar. A transdisciplinaridade da Neurociência, ligada ao campo da Complexidade, abriu as portas que eu precisava para adequar as minhas inferências, obtidas no processo de trabalho com Arte, Ciência e Tecnologia, às premissas que geraram as hipóteses de pesquisa, que vêm predominando, em meu trabalho investigativo e criativo. É por isso que a primeira parte do livro está focada em multissensorialidade e multimodalidade, como possibilidades poéticas, fundamentadas pela Neurociência. Tenho buscado compreender, de uma forma mais objetiva e testável, os processos pelos quais a percepção se altera em relação ao meio, assim como o quanto a multimodalidade de estímulos pode levar à multissensorialidade. Isto vinha sendo estudado, de minha parte, relacionado às obras imersíveis e interativas com público sem necessidades especiais.

Mas com o passar do processo investigativo e dos encontros de aprendizado de vida, ao observar pessoas incríveis e amigas, como

Ana Amália Tavares Bastos Barbosa,² entrevi uma abrangência maior da pesquisa. A transdisciplinaridade tem sido constante em meu processo investigativo. Permaneço nesse tipo de transdução de conhecimentos. Neste percurso de pesquisa, tive a oportunidade de unir interesses de investigação de vários pesquisadores, que se mobilizaram para resolver uma parcela de um problema importante para artistas, arte-educadores e a sociedade em geral, que é a realização de uma interface de baixo custo e acesso livre, na forma de um dispositivo para comunicação, produção de arte e arte-educação.

Como os eventos cognitivos, em qualquer pessoa, se operam por formas muito similares de processamento, mas com características próprias, passei a crer que é possível, pelas similaridades, localizar modelos de estímulos que partem de obras de arte que resultam em fruição ou daqueles que partem do mundo e resultam em obras de arte. O comparativo dos modos de percepção entre pessoas com necessidades especiais e com outras ditas “comuns” me pareceu apontar para um melhor entendimento da percepção como um todo e, também, para novas bases conceituais, tanto para produzir, quanto para fruir obras de arte com tecnologias emergentes, especialmente aquelas que utilizam biossensores, interfaces hápticas e leitura de ondas cerebrais, envolvendo um público abrangente, apesar de terem diversidades muito grandes de comunicação, percepção sensorial e ação corpórea.³

2 Ana Amália foi a primeira doutora em Artes (ECA-USP) em condições mínimas de mobilidade muda e disfálgica. Após um AVC, em julho de 2002, ficou tetraplégica, em função da Síndrome de Lock. Sua cognição é inteiramente preservada e continua ministrando cursos de Artes. Atualmente, desenvolve seu pós-doutoramento sob minha supervisão, na Unesp. Ela foi a minha inspiração para investir no caminho das interfaces assistivas. O estudo de campo é necessário para o atendimento aos procedimentos de pesquisa. Isto foi resolvido com a conexão entre os subprojetos da doutora Ana Amália Bastos Barbosa, que enfoca, neste projeto, a aplicação e o desenvolvimento de metodologias para a Arte-Educação e produção de Arte em condições restritas de comunicação e do trabalho do doutor Efraín Foglia no desenvolvimento de interfaces para comunicação especial neste contexto (também pós-doutorando, sob minha supervisão, através de acordo internacional com a Universidade de Barcelona).

3 Isto é discutido no primeiro capítulo deste livro.

Este trabalho tornou-se otimizado pelo GIIP (Grupo Internacional e Interinstitucional de Pesquisa em Convergências entre Arte, Ciência e Tecnologia – sob minha liderança), certificado pela Unesp junto ao CNPq. No GIIP, viemos, por vários processos, produzindo obras com o intuito de encontrar poéticas, compartilháveis e fruíveis, apoiadas menos no espaço subjetivo das experiências do artista e muito mais em conhecimentos científicos, com grande ênfase na Neurociência. Temos também enfoque tecnológico no desenvolvimento de protótipos utilizáveis, tanto no processo de criação, como no resultado das obras em si, vendo-as como passíveis de diversas aplicações e/ou interpretação e, mais recentemente, como explicado acima, inclusive permitindo esses processos por pessoas com necessidades especiais. Essa especificidade de nossa pesquisa está alocada na linha de pesquisa do GIIP “Interfaces físicas e digitais passa as artes: da difusão à inclusão” que visa o desenvolvimento de tecnologias assistivas para finalidades artísticas. Esta nova etapa de pesquisa se mostra na fase inicial, mas já apresenta alguns resultados concretos,⁴ que não são apenas teóricos, mas também de protótipos de interfaces comunicacionais, neste momento, em fase de testes.

Esses artefatos, além de permitirem melhor qualidade de vida, podem vir a gerar outros conhecimentos e formas de uso. Supomos que é possível utilizar sistemas tecnológicos idênticos, ou adaptados, para a criação, por qualquer tipo de pessoa intelectualmente capaz. O que buscamos, nessa linha de interesse do GIIP, é a comparação entre similaridades e diferenças entre as parcelas do público que enfocamos: com ou sem necessidades especiais.

Com o fortalecimento do GIIP, pessoas cada vez mais dedicadas ao trabalho começaram a premiar o corpo de pesquisadores. O grupo inteiro é brilhante, cada um em sua especificidade. Recentemente duas pessoas trouxeram interesses muito próximos ao estudo

4 Este projeto abrange nova etapa da investigação do GIIP. Trata-se de um projeto que envolve cinco subprojetos com suas coordenações específicas, reunindo parceiros nacionais e internacionais por Acordos de Intercâmbio. Os detalhes sobre estes acordos estão no apêndice “Sobre o GIIP”.

que venho desenvolvendo. São eles Hosana Celeste Oliveira e Danilo Baraúna. Temos efetuado uma parte significativa da pesquisa documental e teórica. Assim, aqui também estão agrupados três textos, que produzimos em parceria, e que estão identificados nos capítulos 2 e 3 e nos apêndices. Temos usado critérios cuidadosos no levantamento dos dados. Espero poder compartilhar o andamento do trabalho e suas discussões em publicação futura.

A partir do capítulo 5 do livro creio não haver necessidade de muitas explicações, pois é, em si, resultado da fase anterior ao trabalho que ora desenvolvo, portanto, com certas inconsistências, que mantive mas sem o qual não teria maturado para o estágio em que o processo investigativo se encontra. Em sendo é, portanto, autoexplicativo.

Gostaria de completar dizendo ao leitor que, conforme o aprofundamento do trabalho investigativo documental e de produção artística de pesquisa, certas hipóteses, que eu trazia antes, começam a cair por terra, dando lugar a premissas, ainda incipientes, que podem virar objetos de pesquisa. Por isso, será possível perceber algumas modificações na abordagem que faço de temas similares. Isto é positivo, pois demonstra o percurso; por outro lado, requer complacência do leitor. Por isso me escuso de tais aparentes incongruências. Mas se eu as tivesse excluído, não estaria sendo honesta na escolha dos materiais para trazer aqui. Os apêndices apresentam um que traz informações sobre o GIIP e outro que mostra as razões pelas quais considero nosso trabalho fundamentado e distinto. Estudamos diretamente a neurociência com os meus parceiros para termos instrumentos críticos ao verificar as publicações feitas na nossa área que apresentam equívocos ou certas “adaptações” do pensamento dos cientistas.

Estou aberta a críticas e discussões. Meu grupo também está, caso o leitor seja impelido a fazê-lo pessoalmente e deseje participar das reuniões do GIIP, que são semanais e abertas. Creio que é assim que se desenvolve pesquisa. Na fricção entre a obra, o discurso teórico e o percebido é que se encontra a razão para continuar materializando o pensamento, em distintas linguagens, no mundo.